

Colecionar objetos de arte não é um privilégio de senhoras idosas, capazes de reverter muito dinheiro, levadas provavelmente a esta paixão pelo fato de não ter mais que dispor deste dinheiro por seus negócios.

O prazer de colecionar obras-de-arte pode ser levado a termo por um círculo muito mais vasto de pessoas, do que poderíamos acreditar num primeiro momento. Depende principalmente de um certo grau de cultura e de uma determinada paixão. Portanto também os jovens pertencem a este círculo porque, em primeiro lugar, são eles que têm o entusiasmo. A paixão pelo colecionar pode-se manifestar positivamente ou negativamente. Trata-se de manifestação negativa, seja-nos permitido dizer em primeiro lugar, quando se trata simplesmente de uma paixão, e principalmente quando esta paixão tem como objeto obras sem valor. As figurinhas de campeões de esporte são um exemplo deste apreciamento indecoroso. Trata-se pelo contrário, de manifestação positiva quando se trata de coleção que representa um valor cultural seja para o proprietário da mesma bem como para os seus hóspedes. É indiferente se os objetos são grandes ou pequenos, ou de mais ou menos preço. Bem mais essencial é o amor e a paixão com os quais as coleções forem criadas. Seria interessante se o jovem colecionador pudesse colecionar obras originais, como seria possível para obras gráficas, medalhas ou cerâmicas. Querendo ampliar o seu campo, irá ele acrescentar cópias, reproduções fotográficas e livros que citem seus artistas preferidos. As reproduções de revistas, calendários estampados com cuidado poderão contribuir valiosamente para a divulgação do desenvolvimento da arte, das várias épocas e de determinados artistas. Uma preocupação sistemática neste campo auxilia as comparações interessantes e revela cousas novas, atuadas em outros tempos e em outros países. Não todos têm a possibilidade de viajar para os países da antiga cultura, para a Grécia ou o Egito, para a França ou a Itália; poderemos assim ter a oportunidade de estudar os ricos templos e as catedrais dos grandes arquitetos, como também as obras menores de tamanho, mas de tão grande valor artístico. Por outro lado poderão os jovens colecionadores apoiar os trabalhos artísticos da própria terra, interessando-se pelos artistas nacionais, adquirindo gravuras das suas obras, colecionando-as, pois por si mesmas poderão no futuro representar um valor respeitável. Aguafortes, xilogravuras, litografias prestam-se muito bem a serem colecionadas e podem ser achadas a preços acessíveis, também quando de autores antigos e de grande renome, se os colecionadores se dedicam com paixão e acabam sendo verdadeiros entendidos.

Convite a colecionar



Roberto Sambonet, Natureza morta 1951

Deixei de falar das vantagens pedagógicas do colecionar, dos proveitos no campo do conhecimento artístico, histórico e do lado comercial do assunto, para não ser acusado de dar um valor essencial ao fato de colecionar em função do sistema de ensino. Colecionar serve perfeitamente a si mesmo e leva sózinho, sem outras finalidades psicológicas ao seu alvo, quando tratado de maneira certa. A maioria dos grandes colecionadores que se dedicam a esta tarefa pelo amor da arte, das cores, dos fac-similes bem acabados, dum metal nobre ou de não sei que, começaram como colecionadores jovens, não como velhos mecenas, que geralmente colecionam por snobismo antes do que por paixão verdadeira. Esta atitude espontânea e o prazer das formas levadas, tem que ser a religião dos jovens colecionadores. Para eles vão os nossos votos para que sempre mais se satisfaçam com a sua obra. Possam surgir no Brasil alguns destes jovens colecionadores, que terão o apoio incondicional de todas as instituições de cultura e arte.

Roberto Sambonet

Roberto Sambonet é um jovem pintor italiano que está residindo no Brasil desde alguns anos e São Paulo lembra-se da sua bela exposição, realizada no Museu de Arte e acompanhada por um pequeno livro "Massaguassú", em homenagem ao lugar no qual o artista encontrará a inspiração para os temas de suas telas. O autor daquela livro — que fez bastante sucesso especialmente no exterior — pois foi testemunha de que no Brasil está se trabalhando seriamente no campo da arte — o autor daquela livro, dizíamos, escreveu que Sambonet teria encontrado, sem dúvida, um caminho rico em resultados e sa-

tisfações e que seu trabalho — sério e positivo, não preocupado com modas mais ou menos infantis que estão desviando a pintura de sua tradição antiga e eterna — teria grandemente contribuído à criação de uma atmosfera favorável à arte que Antonio Tari colocava na sumidade de sua famosa pirâmide. Sambonet, silencioso, profundamente persuadido que arte é resultado de paciência, de dedicação constante e de sacrifício, está continuando seu trabalho de pesquisa e descoberta. Alguns desenhos que vimos recentemente e que aqui reproduzimos, esta pintura, alguns projetos para decorações que não foram executados porque os comitentes não sabem ver, nos parecem realmente dignos de nota. Num país, no qual a pintura ainda não é uma atividade completamente acertada, sobretudo pela falta de críticos, salvo algumas raríssimas exceções, pensamos que Sambonet esteja dando uma das contribuições mais exemplares. E talvez é por esta razão que este trabalho não foi considerado pelos "organizadores" que, na pressa de organizar, conjugando sómente o verbo organizar, sepultados no caos da organização, não sabem distinguir: no entanto é um fato do qual nós não nos podemos queixar por ter sido sempre assim, isto é, os organizadores de exposições sempre tiveram os olhos vendados como a sorte.

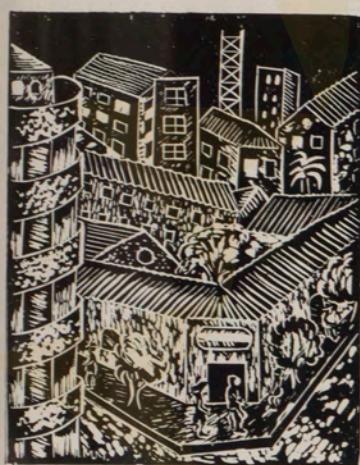


Aldemir Martins, Gravura, 1951 (Executada no Museu de Arte de São Paulo)

Um leitor de "Habitat" está interessado em colecionar pinturas sulamericanas do século XVIII, de pintores coloniais religiosos



Também os objetos podem ser colecionados, especialmente aqueles do artesanato do Brasil. Este galo mecânico do século XVIII foi encontrado numa obra de demolição e estava antes no campanário duma igreja. Hoje está na casa dum colecionador onde será guardado



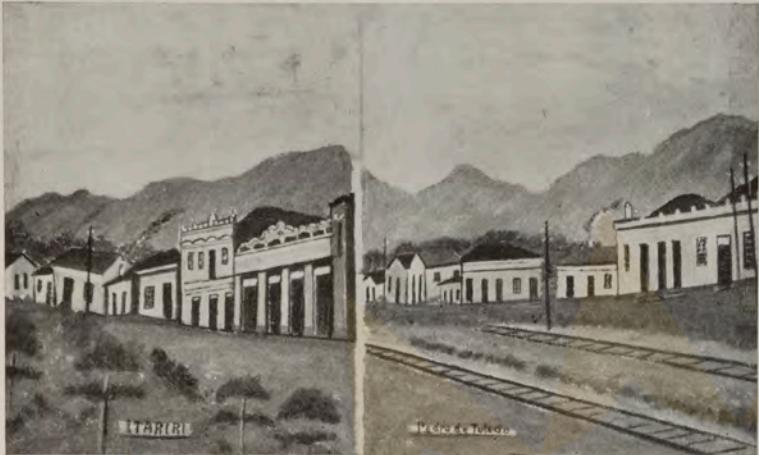
Manoel Martins, Xilogravura
(procura colecionador)



Diego Rivera, Rapaz, 1948 (Coleção de Walter Moreira Salles,
Rio de Janeiro)



Ernesto de Fiori, Adão, Escultura 1929
(Coleção Ilse Scherpe, São Paulo)



Souza, Paisagem: Itariri e Pedro de Toledo



Souza, missionário afugentando as onças

Souza, Iguape (Coleção Elisabeth Nobiling)



Souza bom pintor

Era o nosso Souza um pintor sem latim. Assim se diria se tivesse sido um literato: assim se diria no tempo em que se notava quando um escritor pecava pela forma, não tinha tradição clássica, não tinha escola, numa palavra.

Vindo a pintar, não sabemos si por necessidade de espírito ou por necessidades práticas, Souza se tornou o pintor da sua Itanhaém. O Atlântico, os pescadores, algumas igrejas e um pouco de casas ao seu derredor, e a natureza prepotente do litoral. Depois chegou gente que começou a comprar aqueles quadrinhos reproduzindo as praças da cidadezinha e Souza se tornou uma curiosidade em São Paulo. Mas alguns conhecidos pintores, como Abelardo Freitas Costa começaram a afirmar o seu valor e teve uma certa popularidade o bom velho, falecido num hospital de Santos não há muito. Foi porém uma popularidade restrita: até há pouco tempo ainda, podia-se comprar na Galeria Domus, dêsse generoso pai dos primitivos que é o sr. Fiocca, uma tela de Souza por algumas poucas centenas de cruzeiros. Depois da homenagem prestada pelo Museu de Arte ao velho pintor, é certo que sua obra conta com mais apreciadores. Por outro lado a pintura se vai tornando cada vez mais um assunto de poucos, uma espécie de disciplina para especializados, para "críticos". E Deus nos livre daqueles que são, quando muito, pintores falidos; não falidos porque jamais tenham sabido pintar um quadro mas porque divorciaram-se da pintura já antes de nascerem. Da pintura, que, ao contrário, foi amiga feliz de um simples homem como Souza. A pintura não reside nos estúdios dos artistas que todas as manhãs fazem figurar seu nome nos jornais, si não para escarnece-los, um pouco como aquela senhora de costumes não honestos que Aretino nos "Ragionamenti" nos descreve como emérita enganadora de iludidos. Não há desejo que valha para dar a posse da Pintura, não há acrobacias possíveis, nem saltos mortais, nem lágrimas, nem orações. O nosso Souza a havia desposado no primeiro dia em que empunhou os pinceis sem nem saber porque, e quem sabe com tantas dificuldades e peripécias: ele sabia colocar juntos dois tons sem que os mesmos gritassem por vingança: sabia cortar uma paisagem, o que a maioria dos pintores faz tão bem que chega a revoltar o estômago. E assim por diante. Nada de Salões, nada de salõesinhos, nada de prêmios e

viagem e nem mesmo aquelas grandes medalhas que os artistas levados a sério sómente pelos jurados e pelos amigos da família e arrastam atrás de si como uma bola de chumbo que, em outras eras, os condenados tinham presa ao pé para não poderem fugir: condenados a ser artistas e ainda por cima, artistas oficiais, o que vale dizer condenados também à segregação.

Não tive oportunidade de conhecer Souza, mas a sua presença, desde que estou no Brasil, me alegra por ver freqüentemente certos quadrinhos seus na casa dos amigos Ferrari e, entre outros, um quadrinho com um sacerdote e um menino sentado numa cadeira, e que tenho bem vivo na memória: é uma minúscula obra-prima de honestidade e em que as cores se apoiam com discreção, com amor, com humildade, com paciência. Não estou aqui a afirmar que Souza é Sassetta ou Ticiano; é ele apenas um operário da pintura, um bom operário. O gênio é o gênio. Posso, no entanto, afirmar com conhecimento de causa que certos pedacinhos de casas pintadas por Souza podem ficar ao lado de certos pedacinhos de casas pintadas por Utrillo. A poética de Souza é circunscrita a poucos temas: a sua praça, a sua praia. Naturalmente esta poética se ressente dos limites de cultura e de circunstância. O caso de Souza é diferente: é esse um diabo, um homem de fantasia e é um maroto de quatro costados: um tipo de quem, na Itália se diria: botinas grosseiras e cérebro fino. Há uma outra primitiva da qual pouco se fala e que é de uma sensibilidade extraordinária, puro encontro de uma alma cívica, e os tormentos da cérula, um desabrochar de melódicas invenções diante da natureza tropical — a senhora Judith. A reunião destes nomes nos sugeriu a idéia de uma mostra de pintores primitivos brasileiros que deveremos realizar brevemente.

Mas retornando ao nosso Souza: é o pintor que todas as cidadezinhas possuem: o artesão que é chamado para pintar o ex-voto, para dar outra demão de tinta nas estátuas da Igreja, o artífice que, por fim, executa também o retrato do defunto e a tabuleta do açougueiro, com um belo boi rico de carne. Amamos estes pintores e desejariamos vê-los em melhor preço. E é por isso que, indo contra a corrente, abrimos as portas ao mais doce pintor brasileiro, de um Brasil puro, de narrativa marinheira, grandioso e primordial.



Souza, Padre Anchieta escrevendo poemas na areia

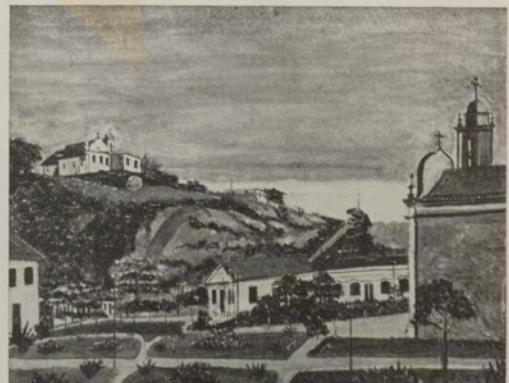


Souza, Paisagem com automóvel



Souza, Marinha

Souza, Marinha. Estes quadros de Souza nos foram gentilmente cedidos pela Galeria Domus de São Paulo



Por exemplo, Souza. Falamos ainda de colecionadores, de futuros colecionadores e especialmente dos jovens que vão acostumando seu gôsto nos Museus, nas revistas de arte e acostumando a mente, assistindo a conferências interessantes, e assim por diante. Por exemplo, Souza, dizíamos. Na outra página dissemos: é um pintor humilde, mas um bom pintor para ser colecionado, para ser colocado na parede. E, fato estranho, poucos são os que compram pequenos quadros, tão frescos e ingênuos,

tão cándidos, são poucos, para não dizer pouquíssimos; e realmente o preço de duzentos ou trezentos cruzeiros não pode comprometer ninguém. Pode-se, portanto, colecionar com pouco dinheiro mas com inteligência, contribuindo ao mesmo tempo ao desenvolvimento da arte e ao bom gôsto das próprias paredes. Um pequeno quadro de Souza estará sempre bem em qualquer lugar. Mas hoje, as pessoas de bom gôsto que querem um Souza, o encontram com dificuldade. É necessário que os jovens antecipem a moda.



Entre as várias exposições realizadas nos últimos tempos em São Paulo, a de Ariadna B. Americano Freire (Museu de Arte, julho) foi uma das mais instrutivas e testemunha do valor da orientação dum bom mestre (André Lôthe). Ariadna Americano, que possui uma vocação verdadeira para as artes, esteve em Paris e frequentou a famosa escola sujeitando-se à disciplina do mestre, e dêle aprendendo todos os elementos gramaticais e sintáticos, necessários para a composição duma pintura. Os trabalhos executados em Paris demonstram o proveito da frequência. Um artista sensível sempre pode aprender algo numa escola, que significa disciplina e educação. Nesta mostra, apareceram as qualidades da pintora. Mas numa cidade de 2.500.000 de habitantes como São Paulo, não se consegue vender uma boa tela.

Atribuímos muita importância, para a formação de novas coleções, aos arquitetos, pois éles constroem as casas, éles aconselham as senhoras, e os maridos que nunca enfrentaram o problema do gosto, da decoração da casa, etc. Eis como o nosso maior arquiteto, Oscar Niemeyer, projetando o novo edifício da Rua Barão de Itapetininga, logo mostrou que no interior dum escritório, é necessário colocar um quadro; um belo gesto de amizade para com o futuro inquilino e para com os artistas.



Gravuras

Não é necessário muito dinheiro para iniciar uma coleção de arte; pode-se, por exemplo, iniciar pelos desenhos e até pelas gravuras. Muitos jovens estão tomando em consideração os trabalhos normalmente executados nos cursos de gravura do Museu de Arte, que além do ensino direto de Poty e de Aldemir Martins tiveram notável influência no ambiente artístico de nossa cidade. Karl Heinz Hansen, por exemplo, chegado há pouco da Europa e tendo realizado uma exposição de xilogravuras no Museu de Arte, reuniu em volta de si um grupo de artistas para divulgação e aperfeiçoamento do estudo da xilogravura. Destes trabalhos participam Lisa Fickert-Hofmann, consagrada artista que se dedica a temas sociais e humanos, Yolanda Mohaly, Mella Salm, Elsa Saft-Theilheimer e Lilo Flues-Hoeltje, cujos trabalhos foram apresentados no Museu, no mês de setembro. A forte possibilidade de expressão da xilogravura, com a sua técnica de branco e preto que leva forçosamente a uma síntese das formas, caracterizou estes trabalhos. Cada artista, embora conservando as características particulares, sujeitou-se às normas artísticas da xilogravura, para chegar a um complexo de impressões muito interessante. O grande efeito e as grandes possibilidades da xilogravura como técnica ilustrativa, encontrou aqui as mais diferentes expressões artísticas. Podemos considerar esta exposição como uma apresentação valiosa da xilogravura, na qual temos de considerar a tradição dos países de origem dos artistas, e aguardamos com interesse os futuros resultados dos alunos dos cursos do Museu, que se dedicam atualmente à arte da gravura.

Nesta exposição e nas outras organizadas, no balcão de informações do Museu foram vendidas belíssimas gravuras por preços acessíveis a todos.

Leonor Fini, Sra. Mendes Caldeira



Mella Salm, Xilogravura



Lisa Ficker-Hofmann



Elsa Saft-Theilheimer



Karl-Heinz Hansen

Michel Larionow, Cavalheiros



O quadro de Michel Larionow, que mostra dois cavaleiros galopando num bosque, nos dá um bom exemplo da arte da vanguarda russa na pintura moderna. Larionow pode ser considerado como um dos maiores contemporâneos de Kandinsky e Jawlensky, artistas que se integraram na primeira década do nosso século com o mundo da arte europeia, impulsionando o movimento moderno no começo do expressinismo, seguido logo pelo abstracionismo. A fase entre estes dois estilos é a mais interessante e justamente a tela — agora incorporada no acervo do Museu de Arte, por doação do casal Gregory Warchavchik, é das mais representativas desta época. Como este quadro chegou ao Museu, vindo de tão longe? Porque um dia foi colecionado, guardado com carinho pelos seus colecionadores que em seguida o ofereceram generosamente ao Museu de Arte, onde pode ser agora admirado pelo nosso público.



Uma vez — uma vez quer dizer no tempo da inolvidável Dona Olivia Penteado — as senhoras de São Paulo iam a Paris e posavam a pintores então na moda. Era o tempo no qual a Paulista gostava das pinturas do frívolo Chabas, capaz de embelezar qualquer cousa. Hoje, os tempos estão mudados, as senhoras paulistas vão a Paris e procuram o retratista na moda. Eis um retrato da Sra. Christiane Mendes Caldeira, que se fez retratar por Leonor Fini, uma espécie de Chabas do Surrealismo. Este é também um sistema de colecionar, porque os retratos são os que mais brilham entre as obras numa coleção. Lembre o leitor que o retrato pode ser feito, além por um fotógrafo, também por um pintor



Cândido Portinari, Rapaz, 1947 (Col. particular)

Pintor de saudade

Portinari narra e canta. E sua narração e seu canto falam e cantam a América. Mais exatamente é uma América, isto é, uma jovem humanidade, uma nova tragédia, um espaço imenso que compreendemos na sua pintura. No seu livro colorido, na sua larga composição, no seu desenho dilacerado, não sómente porque a sua mão de criador assim o quer e como o querem todos os nossos artistas daqui que, pelos seus debates plásticos, chegaram a estas soluções plásticas, mas porque também o seu coração e suas recordações não encontraram outra solução plástica para uma expressão dolorosa. Porque ela trás o peso das populações bárbaras que viu nos torvelinhos de seu país, esgotadas, até o esqueleto, pela fome e pelo êxodo.

A pintura de Portinari é rica de poderosos prolongamentos humanos. Além dos méritos de sua substância plástica, traz-nos os prazeres da viagem. Viagem, não tanto num país estrangeiro, como na alma desse país. É todo ressoante de saudade e destes ritmos selvagens que ouvimos na música de Villa-Lobos. Acompanha-se de harmônicos imperiosos. Não se restringe a problemas intelectuais, mas encontra sua paz numa larga dimensão, numa espontaneidade e liberdade que se resumem neste termo: Grandeza.

A isso é levada por aquilo que chamamos: temperamento. Um verdadeiro temperamento de poeta, isto é, de homem.

JEAN CASSOU